



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 4 | OUT-DEZ 2020

MEMES E MULTIMODALIDADE: UMA ANÁLISE DO CASO *BELA, RECATADA E 'DO LAR'*



MEMES AND MULTIMODALITY: AN ANALYSIS OF THE *BELA, RECATADA E DO 'LAR'* CASE

LUIZA VITÓRIA DE ABREU SCHELL
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 15/07/2020 • APROVADO EM 23/09/2020

Abstract

The Internet, in this century, has enabled new modes of communication between people, new resources were created, and the texts are loaded with multisessions, such as image, sound, gif, among others. The memes are an example of this, when using multimodalities in their production, they convey different meanings to readers. The aim of this research is to characterize the meme as a multimodal genre, through the study of three memes created from the report *Bela, recatada e 'do lar'* (VEJA, 2016). The theoretical basis covers different definitions of meme (DAWKINS, 1976; SHIFMAN, 2014), notions of digital and multimodal genres (MARCUSCHI, 2010; DIONÍSIO, 2005), among others. The results indicate that a meme can combine at least two modalities, such as image and text, to construct its meaning. Moreover, it is a genre that involves intertextuality and requires prior knowledge of the reader. As a conclusion, it is possible to say that meme is a multimodal genre that has been changing reading practices, because it requires the reader with ability to recognize the multisessions employed in a single text.

Resumo

A Internet, neste século, possibilitou novos modos de comunicação entre as pessoas, novos recursos foram criados e os textos surgem, constantemente, carregados de múltiplas semioses, como imagem, som, gif, entre outros. Os memes são um exemplo disso, pois, ao utilizarem multimodalidades na sua produção, transmitem diferentes sentidos aos leitores. O objetivo deste trabalho é caracterizar o meme como um gênero multimodal, mediante o estudo de três exemplares criados a partir da reportagem *Bela, recatada e 'do lar'* (VEJA, 2016). A base teórica abrange diferentes definições de meme (DAWKINS, 1976; SHIFMAN, 2014), noções de gêneros discursivos e de gêneros multimodais (MARCUSCHI, 2010; DIONÍSIO, 2005), entre outros. Os resultados desta investigação indicam que um meme pode aliar, pelo menos, duas modalidades, como imagem e texto, para a construção de seu sentido. Além disso, é um gênero que envolve intertextualidade e requer conhecimento prévio do leitor. Como conclusão, é possível dizer que o meme é um gênero multimodal que vem mudando as práticas de leitura, por exigir do leitor a capacidade de reconhecer as multissemoses empregadas em um só exemplar.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Memes. Multimodality. Sense construction.

PALAVRAS-CHAVE: Meme. Multimodalidade. Construção de sentido.

Texto integral

INTRODUÇÃO

O advento da Internet e as novas tecnologias possibilitaram novos modos de conexão entre os seres humanos. Novas formas de comunicação foram criadas, capazes de atingirem um número ilimitado de pessoas. Ideias, opiniões, piadas, polêmicas são espalhadas a todo momento por meio das redes sociais. As pessoas ganharam voz sem precisarem sair de casa.

Um grande exemplo dessas novas formas de comunicação e interação são os memes. Eles são reveladores do que está acontecendo nesta sociedade conectada, visto que são criações dos próprios usuários, as quais mesclam uma situação – que obteve destaque nas mídias e, de certa forma, tornou-se memorável e viral – com diversos fatos cotidianos, os quais, juntos, complementam-se e acabam assumindo um significado humorístico e/ou irônico.

À vista disso, não podemos negar que os memes *caem na boca do povo* e não há quem não seja contagiado por esse vírus da mente. Eles podem manifestar-se por meio de uma imagem, um gif, uma frase, um vídeo, ou unindo todos esses recursos multimodais/multissemióticos. Afinal, os domínios digitais carregam, agora, não apenas textos verbais – sendo possível criar um único texto com múltiplas semioses combinadas, unindo imagem, texto, vídeo, som, entre inúmeras outras que

encontramos na Internet frequentemente. Essa configuração ocorre devido à possibilidade de organização multimodal dos textos contemporâneos.

A farta combinação de semioses e de modos de expressão levam-nos a acreditar que o meme seja, de fato, um gênero multimodal, entretanto poucos são os estudos e pesquisas acerca dele e de suas características multissemióticas/multimodais¹. Por isso, no presente trabalho, temos como objetivo principal perscrutar sobre esse gênero tão popular nas redes sociais, o meme, e a expressiva possibilidade de ser um gênero multimodal.

Para isso, analisamos três memes criados a partir da reportagem *Bela, recatada e 'do lar'*, publicada pela revista *Veja* (2016), e que se tornaram uns dos memes mais populares no Brasil, por multiplicarem-se de maneira espantosa de computador para computador, de celular para celular, como forma de expressão de um grupo da sociedade cibernética. Dessa forma, esta investigação também pretende refletir sobre a capacidade de os memes analisados neste estudo não apenas produzirem um efeito de humor, mas, também, de carregarem uma forte crítica por meio das múltiplas linguagens (multissemioses) encontradas neles.

Para melhor apreensão e entendimento da pesquisa realizada, dividimos este artigo em cinco seções. Inicialmente, na primeira seção, trazemos considerações teóricas sobre o entendimento de *Gêneros Digitais e Multimodais*. Em seguida, discorreremos sobre a base teórica de *Memes: origens, definições e suas características*. Na terceira seção, apresentamos a *Metodologia* utilizada para a realização da investigação proposta. Na quarta seção, trazemos a *Análise dos dados* e, por fim, discutiremos sobre as *Considerações finais* do presente trabalho.

1. GÊNEROS DIGITAIS E MULTIMODAIS

Segundo Marcuschi (2010), a expressão *gêneros textuais* não é nova, ela vem sendo empregada desde os anos 60, quando surgiram a Linguística de Texto, a Análise Conversacional e a Análise do Discurso. Entretanto, os diferentes tipos de textos surgiram muito antes desses estudos, afinal, são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Como afirma Bakhtin (2003), gêneros textuais definem-se, principalmente, por sua função social. São textos que se realizam por uma (ou mais de uma) razão determinada em uma situação comunicativa (um contexto) para promover uma interação específica.

Rajo (2015) prefere nomeá-los como gêneros discursivos. Seguindo a teoria bakhtiniana, todas as nossas falas e escritas, sejam cotidianas ou formais, estão articuladas em um gênero de discurso. Pondera a autora:

Levantamo-nos pela manhã, damos um bom dia a nossos filhos;
afixamos na geladeira um papel pedindo à diarista que limpe o

¹ Encontramos diversos estudos sobre memes na atualidade, entretanto, na área da Linguística e Linguística Aplicada, poucos são os estudos sobre seu caráter multimodal/multissemiótico. Na maioria das vezes, diversos pesquisadores e estudiosos enfatizam, em suas pesquisas sobre memes, seu grande potencial de uso em sala de aula, por exemplo.

refrigerador; vemos e respondemos nossos e-mails [...]. Em todas essas atividades valemo-nos de vários gêneros discursivos – orais e escritos, impressos ou digitais - utilizados socialmente e típicos de nossa cultura letrada urbana; cumprimento, bilhete, mensagem eletrônica, formulário, relatório, apresentação empresarial. Os gêneros discursivos permeiam nossa vida diária e organizam nossa comunicação. Nós os conhecemos e utilizamos sem nos dar conta disso. (ROJO, 2015, p. 16).

Ou seja, a cada vez que produzimos um texto, oral ou escrito, o fazemos mediante um gênero discursivo. Entretanto, os diferentes gêneros podem aparecer ou desaparecer de acordo com a época ou com as necessidades dos povos. Os gêneros discursivos utilizados na Grécia Antiga, como epopeias, já não são mais escritos em nosso tempo atual, pois cada época e cada grupo social tem seu próprio repertório de formas de discurso na comunicação (BAKHTIN, 1929; VOLOCHINOV, 1981).

Hoje, em plena fase da denominada cultura eletrônica, com o telefone, a televisão, o computador e a Internet, presenciamos uma explosão de novos gêneros, o que Marcuschi (2010) denomina gêneros digitais². Novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita, foram surgindo, considerando a necessidade de interação nos moldes do ambiente virtual, com uma leitura rápida e visual.

Por certo, não são propriamente as tecnologias que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias, tendo em vista que a intensidade de interações on-line tem o potencial de acelerar a comunicação, levando à evolução e à transformação dos gêneros digitais. Esses gêneros, que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias, criam formas comunicativas próprias que desafiam as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza, de forma definitiva, a velha visão dicotômica, ainda presente em muitos manuais de ensino de língua (MARCUSCHI, 2010). Dessa forma, fica claro identificar nesses gêneros maior integração entre os vários tipos de semioses, pois a esfera digital nos permite criar textos que sejam contemplados por linguagem verbal, sons, imagens estáticas e em movimento (ROJO; MOURA, 2019), entre outras inúmeras semioses e linguagens que tornam possível a criação de textos no ambiente cibernético. Como reitera Marcuschi:

Pode-se dizer que parte do sucesso da nova tecnologia se deve ao fato de reunir em um só meio várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem, o que lhe dá a maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados. A par disso, a rapidez da veiculação e sua flexibilidade linguística aceleram a penetração entre as demais práticas sociais. (MARCUSCHI, 2010, p. 16.).

² Essa denominação é questionada por alguns pesquisadores. Araújo (2004), por exemplo, afirma que é muito difícil encontrar gêneros exclusivamente da esfera digital, destacando que o que temos, na verdade, são gêneros diversos que usam a esfera digital como suporte de circulação. Neste artigo, nos valem da concepção de gêneros digitais postulada por Marcuschi (2010).

À vista disso, reconhecemos que, embora a escrita seja um dos aspectos essenciais da mídia virtual, as novas ferramentas de comunicação, como vimos, utilizam mais recursos midiáticos para construir o sentido pretendido, sugerindo novas formas de letramentos, denominadas multiletramentos³, que partem da afirmação de que o mundo contemporâneo e os gêneros encontrados na Internet, especificamente, são caracterizados pela multiplicidade cultural, que se expressa e se comunica por meio de textos multissemióticos/multimodais, constituídos por meio de uma multiplicidade de linguagens (fotos, vídeos, gráficos, linguagem verbal oral ou escrita, sonoridades) que fazem significar estes textos, dando-lhes o real sentido (OLIVEIRA; AQUINO; MALTA, 2017). Nesse sentido, apresentamos o conceito teórico de multimodalidade, sugerido por Cani e Coscareli (2016). Segundo as autoras:

Postulada por Kress e van Leeuwen em 2001, a multimodalidade desenvolve conceitos que fornecem subsídios para a análise de textos construídos a partir de diferentes modos de linguagem sem a necessidade de um olhar isolado para cada um deles. Dessa forma, [...] a orquestração entre palavra e imagem, cujo resultado seja os sentidos materializados em sua constituição híbrida, e advogam por uma linguagem constituída por meio de múltiplas articulações entre os diversos modos semióticos. (CANI, COSCARELI, 2016, p. 24).

Isto posto, Meyer (2001), vai ao encontro das ideias sugeridas por Cani e Coscarelli (2016) e Marcuschi (2010), afirmando que os textos multimodais destacaram-se com o advento da tecnologia computacional, o que permitiu uma explosão na disponibilidade de modos de apresentação visual de materiais, que, por consequência, causaram uma revolução no cenário da comunicação. Da mesma maneira, Dionísio (2005) também defende que esse fenômeno ocorre quando um texto, para transmitir seu conteúdo, emprega pelo menos duas modalidades de comunicação. Somente a combinação desses códigos semióticos dará o real significado ao receptor/leitor.

Entretanto, antes de partirmos para a próxima seção, vale destacar que, embora a multimodalidade seja frequentemente associada às múltiplas semioses encontradas em diversos textos no ambiente virtual (e, neste estudo, nos valem da multimodalidade encontrada exclusivamente nesse ambiente, com os memes da

³ De acordo com Rojo e Barbosa (2015), o termo multiletramentos ganhou destaque a partir de 1996 com a publicação do texto "A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures", escrito por um grupo de dez pesquisadores, denominado "The New London Group", o Grupo de Nova Londres (GNL). Um dos conceitos de multiletramentos, criado pelo GNL, aponta a existência de uma multiplicidade de linguagens nos textos (impressos, digitais, em mídias audiovisuais) que circulam na diversidade cultural. Para os multiletramentos, a composição desses textos solicita o desenvolvimento de práticas e capacidades para a compreensão e produção de diferentes linguagens, modos ou semioses. Assim sendo, adquirir multiletramentos é também adquirir a capacidade de ler e interpretar as multissemioses presentes em um único texto.

Internet), a multimodalidade refere-se à multiplicidade de linguagens utilizadas na construção linguística de qualquer texto, seja oral, escrito, digital etc. Para exemplificar: quando estamos conversando com alguém, nos valem de diferentes recursos, como olhares, sorrisos, gestos, além do texto verbal, a utilização de todos esses recursos também caracteriza um texto multimodal (DIONÍSIO, 2005).

Dessa forma, de acordo com Rojo e Moura (2019), devemos estar atentos a todos os recursos multimodais que um texto pode utilizar para transmitir seu sentido. Assim sendo, até mesmo as cores (em preto e branco e/ou coloridas) de uma imagem, seus detalhes, a disposição gráfica do texto, a escolha da fonte (se é em letra minúscula ou maiúscula), irão transmitir diferentes sentidos e é muito importante que o leitor saiba identificá-los, para melhor apreender os significados de diferentes textos multimodais (ROJO; MOURA, 2019).

À vista disso, um bom exemplo de gênero que carrega múltiplas semioses para transmitir significado, com textos, imagens, cores, letras maiúsculas e minúsculas, diferentes disposições gráficas, entre outros, é o meme, pois é um gênero que utiliza, em diversas vezes, pelo menos dois recursos semióticos: uma imagem com texto sobreposto, o que Dionísio (2005) afirma ser um texto multimodal. Isto posto, veremos, na seção que segue, algumas informações importantes sobre memes.

2. O MEME: ORIGEM, DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS

Meme é um conceito criado pelo escritor evolucionista Richard Dawkins (1976). Em seu livro **The Selfish Gene**, Dawkins (1976) defende a ideia de que os genes não são os únicos replicadores no processo da evolução. A teoria é que os genes sempre escolhem as melhores estratégias, para que eles possam continuar sendo multiplicados nas gerações seguintes, e nós somos simples instrumentos para que eles coloquem essas estratégias em prática (através da nossa aparência, altura, cor da pele, por exemplo), assim como o vírus do resfriado, que nos obriga a espirrar para continuar sendo espalhado. Todavia, com a organização da civilização, cada ser humano passou a ser mais que suas características físicas, passou a ser também as suas características culturais. E se cada unidade de atributo físico se chama gene, cada unidade de atributo cultural se denominou meme, cujo significado vem do termo *mimeme*, de origem grega, que remete à ideia de uma unidade de imitação. (DAWKINS, 1976).

Segundo Dawkins (1976), assim como o gene, o meme pretende sobreviver e se multiplicar. Quando ouvimos uma piada engraçada e sentimos vontade de contá-la adiante, ela se torna um meme que é transmitido para nós, e é ele que está obrigando-nos a transmiti-lo para os outros, da mesma forma como os genes atuam, reproduzindo-se.

Embora a teoria de Dawkins (1976) tenha se tornado bastante popular nos estudos sobre memes, o referido termo está ganhando mais significados. O advento da Internet e a globalização oferecem novas perspectivas de conexões entre os indivíduos. A participação imediata de pessoas conectadas com outras na Internet

facilitou o repasse de conteúdos midiáticos e movimentou grupos a se comunicarem e a disseminarem ideias de forma rápida e espontânea.

Na era digital, o termo meme passou a designar uma apropriação nas redes sociais, como a junção de imagens da cultura popular com frases que refletem pensamentos individuais ou coletivos, sejam eles com fins cômicos, políticos etc. A possibilidade de os usuários produzirem seus próprios memes, juntamente com a interatividade, característica da mídia digital, fez com que houvesse uma crescente utilização destes como forma de linguagem nas redes sociais.

As possibilidades disponíveis com a chegada da tecnologia permitiram que o usuário saísse da passividade das mídias tradicionais e virasse produtor, que, segundo Jenkins (2009), são frutos da convergência dos meios de comunicação e da cultura participativa.

A forma mais conhecida e popularizada de memes na Internet é uma montagem feita no computador, utilizando softwares de edição de imagem ou os geradores/criadores de memes e alguns elementos, como imagem (fotografia, desenho, frame de filmes etc.) e um texto (reflexivo, humorístico, entre outros).

Contudo, segundo Guerreiro e Soares (2016), a concepção semântica do termo meme, mais próxima do que temos na atualidade, indica tudo aquilo que se tornou viral na web, ou seja, que se propagou e se popularizou muito depressa no ambiente cibernético, seja por meio de compartilhamento ou por cópias de uma imagem, de uma música marcante, de um vídeo etc.

Shifman (2014), em seu livro **Memes in digital culture**, define meme como a facilidade de manipulação e divulgação dos materiais na web, transformando-se, assim, em um fenômeno cultural. Segundo a autora, para poder ser considerado um meme, um item digital (imagem, gif, vídeo, frase etc.) deve possuir estas três dimensões:

I) Conteúdo: precisa fazer parte de um grupo de itens digitais que compartilham características e ideias, ou seja, uma imagem ou um vídeo que não faz parte de um grupo de itens semelhantes não é um meme;

II) Forma: os itens desse grupo devem ser criados tendo consciência um dos outros, isto é, não é coincidência que vários memes são criados a partir da mesma fotografia, cena de novela ou frase, cultivando a mesma forma, por exemplo;

III) Posição: estes itens digitais precisam ser transformados e compartilhados por pessoas diferentes na Internet, cada um com sua ideia implícita, com seus códigos linguísticos, com seu posicionamento. Todavia, vale ressaltarmos que os memes são coletivos, não existe um meme individual, tampouco o dono de um meme.

O processo de transformação de um item digital em um meme, citado por Shifman (2014), é bem parecido com aquele processo que Dawkins (1976) descreveu. Se o meme for forte, ele vai espalhar-se de pessoa para pessoa. Entretanto, para um meme ser considerado forte, diferentemente da piada, não basta ser engraçado. Um meme de sucesso é aquele que transcende seu contexto de produção e passa a ser utilizado em diferentes situações. Porém, uma característica

do meme é que ele deixa de ser usado com a mesma velocidade com que surge, podendo ter grande alcance em espaços relativamente curtos de tempo, com a premissa de ser alterado por processos de apropriação. (SHIFMAN, 2014).

Com base nisso, podemos perceber que nenhuma ideia carregada por memes sai dos próprios memes, elas têm origem em outras mídias. Portanto é possível afirmarmos que o meme é considerado um elemento de relação intertextual, visto que é criado a partir de um texto pré-existente. Assim, de acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2012) a intertextualidade⁴ nasce como uma replicação de conteúdo, que se relaciona sem o intuito de anulação, mas sim de compartilhamento para algo além dela, para gerar novos discursos.

Dessa forma, entendendo a intertextualidade como uma replicação de conteúdo que gera novos discursos (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012), os memes são caracterizados como intertextuais, pois permeiam inúmeros textos, construindo paródias e outras formas de referência. Eles são “ativadores culturais” no ambiente da Internet (JENKINS, 2006), funcionando como catalisadores e desencadeando processos de construção compartilhada de significados.

Como os memes são, de maneira geral, criados a partir de trechos de obras literárias, de músicas populares bem conhecidas, textos de ampla divulgação pela mídia, bordões de programas humorísticos de rádio ou TV, assim como provérbios, ditos populares etc., e esses textos-fonte normalmente fazem parte da memória coletiva (social) da comunidade, seu sentido acaba sendo facilmente acessado. Cabe destacar que a propagação do meme, criado a partir de um texto original, tem a ver com as interpretações que ele recebe. Afinal, o produtor do meme espera que o leitor/receptor seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, isto é, ative o texto-fonte em sua memória discursiva, pois, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012). Contudo, isso também dependerá da amplitude dos conhecimentos que o interlocutor tem representados em sua memória. Como afirmam Koch, Bentes e Cavalcante (2012), a não apreensão do texto-fonte empobrece a leitura ou impossibilita a construção de sentidos próximos àqueles previstos na proposta de sentido do locutor.

Além disso, com base no que foi posto, Koch, Bentes e Cavalcante (2012), em seu livro **Intertextualidade: diálogos possíveis**, empregam o termo *détournement* (GRÉSILLON; MAINGUENAU, 1984) que pode ser identificado como um recurso que é utilizado em textos que utilizam intertextualidade (que é o caso dos memes, como citado acima), para fazer acréscimos, transposições, alterações operadas sobre o texto-fonte. O *détournement* tem o objetivo de levar o leitor do texto a ativar o enunciado original, para argumentar a partir dele; ou então, ironizá-lo, ridicularizá-lo, contradizê-lo, adaptá-lo a novas situações, ou orientá-lo para um outro sentido, diferente do sentido original. Assim, o meme pode sofrer o *détournement*, visto que, a partir de um texto-fonte, ele também cria outros sentidos, quase sempre de forma ativa/argumentativa, em maior ou menor grau. Tudo vai depender, evidentemente, do contexto mais amplo em que o texto que sofreu o *détournement* se encontra

⁴ A intertextualidade é um recurso que está presente em diversos memes e gera pontos e assuntos importantes para a discussão. Entretanto, como o foco deste trabalho está em caracterizar o meme como um gênero multimodal, analisando exclusivamente suas características multissemióticas, não caberia, neste artigo, abordar a questão de intertextualidade com grande ênfase, embora seja uma proposta extremamente relevante para futuras pesquisas.

inserido. Aqui, é importante ressaltar que iremos observar se os memes escolhidos para o corpus de análise são frutos de intertextualidade e *détournement*, entretanto, o objetivo principal desta pesquisa é caracterizar o meme como gênero multimodal, analisando os recursos multissemióticos utilizados em sua produção.

Na próxima seção, nos aprofundaremos sobre a metodologia empregada e a escolha dos memes que serão analisados.

3. METODOLOGIA

Como metodologia de pesquisa, nos concentramos em um estudo de caso, para investigar, relacionar e analisar de que forma a fundamentação teórica exposta nas seções 1 e 2, pode contribuir com o objetivo principal da pesquisa: caracterizar o meme como um gênero multimodal. Para a escolha do corpus, selecionamos três exemplares de memes encontrados na rede social *Facebook*, provenientes da reportagem *Bela, recatada e 'do lar'*, publicada pela revista *Veja* em 2016. Escolhemos este corpus de estudo por ser, na época de 2016, um meme muito popular entre os usuários da Internet e ser compartilhado inúmeras vezes. Na subseção que segue, explicaremos um pouco mais sobre o corpus escolhido e de onde surgiu.

3.1 O meme *Bela, Recatada e 'do lar'*

Para começar, é importante entendermos qual o texto-fonte que originou os memes que serão analisados. Nesta pesquisa, como já dito, tomamos para estudo o caso de três memes gerados a partir da reportagem intitulada **Bela, recatada e 'do lar'**, publicada pela revista *Veja*, em 2016.

A revista *Veja* é um periódico semanal produzido pela Editora Abril, criada em 1968 pelos jornalistas Roberto Civita e Mino Carta. A revista aborda temas variados de abrangência nacional e global. Entre os assuntos mais frequentes, estão questões do âmbito político, econômico e cultural. Por vezes, também trata de assuntos como tecnologia, ciência, ecologia e religião. Atualmente, é a revista de maior circulação nacional, com tiragem superior a um milhão de cópias.

Na edição de número 2474, publicada no dia 18 de abril de 2016, uma matéria tornou-se assunto nas redes sociais. Com a manchete *Bela, recatada e 'do lar'*, a reportagem, assinada pela jornalista Juliana Linhares (2016), parece pautada no objetivo de descrever quem seria a quase primeira-dama Marcela Temer, visto que Michel Temer iria assumir a presidência interina do país, após a votação de impeachment da, então, Presidenta Dilma Rousseff.

Além de enaltecer algumas características predominantemente femininas, como ser bela, recatada e do lar, o texto de Linhares (2016) esbanja elogios à primeira-dama, descrevendo-a como uma mulher discreta, que fala pouco, ótima dona de casa e que traja vestidos de tons claros, sempre na altura do joelho. Outros elementos citados na reportagem são que Marcela, 32 anos, casou-se com seu primeiro namorado, Michel Temer, 75. Ademais, cita ainda que a primeira-dama é

formada em Direito, mas nunca exerceu a profissão: seus dias consistem apenas em levar e trazer seu filho da escola. Ela tem cabelos loiros e vai, sempre que possível, ao dermatologista cuidar da pele. A matéria faz alusão a um comportamento que pode ser considerado como exemplar e/ou ideal para mulheres e esposas, o que se evidencia em argumentos, como “Michel Temer é um homem de sorte” (LINHARES, 2016, s.p.), assim é encerrada a reportagem.

Com isso, o papel da mulher contemporânea tornou-se o assunto principal das redes sociais, afinal, muitas não se identificaram com o que a revista dizia sobre Marcela. Segundo Albuquerque e Melo:

A realidade de Marcela Temer não é igual à da maioria das mulheres brasileiras. Segundo dados do IBGE (2009), cerca de 90% das mulheres que trabalham fora de casa, também são responsáveis pelos afazeres domésticos. Da mesma forma, Marcondes et al. (2013) pontuam, no Dossiê Mulheres Negras, realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que 50% das mulheres brasileiras são negras, contra 49,3% brancas. Em números, são 600 mil negras a mais do que brancas. Assim, destacar características como ‘bela’, ‘recatada’ e ‘do lar’ é ir contra todas as outras características e comportamentos que não são menos importantes e nem menos dignos, como não ser loira, não ter o cabelo liso, não ser branca, não frequentar restaurantes de luxo, não ir ao dermatologista, ou trabalhar fora de casa e ser ajudada pelo marido nas tarefas domésticas, gostar de usar roupas curtas e de tons fortes, e se posicionar politicamente ao invés de se ocultar, entre outros. (ALBUQUERQUE, MELO, 2017 p. 360.).

Dessa forma, as críticas ao perfil *Bela, recatada e ‘do lar’* foram inúmeras. Alguns usuários do *Facebook*, por exemplo, classificaram a reportagem como machista e repressora, e criaram memes com o objetivo de ironizar os adjetivos dados à Marcela. Muitas publicações surgiram. Apesar de serem diferentes entre si, a ideia era a mesma: criticar a reportagem publicada pela revista *Veja*, como forma de expressar pensamentos individuais ou coletivos. Os próprios usuários das redes sociais da Internet produziram seus memes como manifesto, saindo da privacidade das mídias tradicionais e se tornando produtores, como forma de expressão de rede social, como afere Jenkins (2009).

Outro aspecto que nos faz afirmar que o movimento criado na Internet, com diversas imagens e textos a partir da manchete *Bela, recatada e ‘do lar’*, podem ser considerados memes, é pelo fato de terem viralizado na web, ou seja, se popularizaram e propagaram muito depressa no ambiente cibernético (GUERREIRO; SOARES, 2016), afinal, muitas pessoas se identificaram com a revolta e compartilharam os memes como um vírus, tentando despertar a revolta em outras pessoas também.

Embora os memes criados sejam diferentes entre si, pois foram repetidos e apresentados em diversas situações, todos nascem a partir da mesma manchete, tendo consciência um dos outros. Além disso, os itens digitais foram compartilhados, replicados ou propostos por pessoas diferentes na Internet e em diferentes

contextos. Dessa forma, a manchete da reportagem publicada por Linhares não é um meme em si, mas é um texto memético, pois dele vieram a surgir derivativos. (SHIFMAN, 2014). Com base nisso, podemos afirmar que o meme *Bela, recatada e 'do lar'* é intertextual, visto que é criado a partir de um texto pré-existente.

Nesse caso, em que há um meme com intertextualidade quase que explícita, o produtor espera que o leitor seja capaz de reconhecer a presença do intertexto: a reportagem sobre Marcela Temer. Se o receptor não reconhecer a presença da reportagem no meme, estará prejudicada a construção do sentido.

Na próxima seção, analisaremos o corpus de estudo escolhido para esta pesquisa: três exemplares criados a partir da manchete *Bela, recatada e 'do lar'* da revista Veja (2016).

4. ANÁLISE DOS DADOS

Apresentaremos três memes originados da manchete *Bela, recatada e 'do lar'*, examinando como se dá o processo de construção de sentidos nesses textos a partir da análise da multimodalidade presentes neles.

4.1 Meme 1

O meme visualizado na Figura 1 é um dos memes inspirados na manchete da reportagem da revista Veja (2016). Ele traz a foto de Dilma Rousseff, ex-presidenta do Brasil, durante um interrogatório em 1970, período da ditadura. Na época, Dilma Rousseff era uma das líderes da organização chamada Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares). Ativista, passou quase três anos em reclusão, primeiramente por ordem dos militares da Operação Bandeirante (OBAN), tendo sofrido torturas, e, posteriormente, por ordem do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), pois defendia a luta armada contra o regime militar.

FIGURA 1 - Meme 1



Fonte: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1889895414457823&set=a.171873076260074&type=3&theater>>. Acesso em: 30 out. 2018.

Para o processo de construção de sentido deste meme, é preciso que o leitor tenha conhecimento de quem é e foi Dilma Rousseff e por que ela aparece na imagem, ativando o seu conhecimento prévio. Além disso, precisa associar o texto do meme – Bela, recatada e do lar – ao texto-fonte – a manchete publicada na revista *Veja* –, percebendo nele o fenômeno da intertextualidade. Neste caso, o leitor pode identificar a intertextualidade por meio do texto escrito no meme: *Bela, recatada e 'do lar'*, que se iguala ao título da reportagem da revista *Veja* (2016). Quem não conhece a manchete, ou não ouviu falar sobre seu conteúdo, provavelmente não apreenderá em profundidade o sentido deste meme.

Ainda com base no fenômeno de intertextualidade, como vimos na fundamentação teórica, seção 2, também identificamos o recurso denominado por Koch, Bentes e Cavalcante (2012) como *détournement*. Aqui, além da intertextualidade já destacada (que remete o texto do meme ao título da reportagem), seu autor – anônimo – tem por objetivo despertar no leitor, ao acrescentar a foto de Dilma Rousseff, novas leituras, interpretações e sentidos, diferentes do texto original.

Visto isso, podemos partir ao que interessa. No que tange à multimodalidade neste meme, de acordo com Dionísio (2005), podemos dizer que ele emprega, pelo menos, duas modalidades de comunicação: texto e imagem. O enunciado – Bela, recatada – na parte superior do texto, e – e do lar – na parte inferior, só adquire sentido quando examinado juntamente com a foto de Dilma, sendo interrogada, nos anos de ditadura. A antítese entre mulher casada, feliz e bem-sucedida (imagem ligada à Marcela Temer) e mulher prisioneira, solitária e sofredora (imagem ligada à Dilma Rousseff) fica evidente, quando associamos o texto e a imagem.

A escolha da fonte, em maiúsculo, também chama a atenção, pois dá destaque ao enunciado, bem como salienta sua importância na construção de sentido. O conjunto foto e texto revela que Dilma não seria nem bela, nem recatada, nem do lar,

afinal foi presa e torturada, por ter ido às ruas lutar por suas ideias. Na foto escolhida para o meme, podemos ver Dilma de cabelos curtos, feição séria, sendo julgada em um tribunal, diferenciando-se sobremaneira da atual primeira-dama e do que a reportagem descrevia sobre ela.

Outra característica que confere ao texto caráter multimodal são as aplicações de preto e branco, que remetem a uma imagem antiga, por sua qualidade e resolução pouco nítida. Por não deixar claro ser uma foto recente, o leitor é levado a relacionar a imagem com um fato ocorrido no passado (neste caso, a ditadura). A observação destes detalhes, como cores empregadas, também é de extrema importância para analisarmos a multimodalidade no meme, como afere Dionísio (2005).

Os homens ao fundo, sentados atrás de uma grande mesa, parecem ser militares, interrogadores de Dilma Rousseff. Não podemos afirmar isso categoricamente, porque eles cobrem seus rostos com as mãos. O que consideramos mais uma possível análise no meme: talvez estes homens estariam se escondendo na foto. A cena como um todo pode agregar sentido ao meme, como a leitura de que esses homens estejam desconfortáveis interrogando uma mulher, possível líder de um grupo antigovernista e apoiadora de atentado contra o regime, situação eminentemente masculina à época.

Dessa forma, vimos, no Meme 1, diversos recursos utilizados que podem nos ajudar a construir o sentido deste primeiro exemplar analisado. Além da intertextualidade, que fica evidente na escolha do texto escrito, todos os recursos como – imagem (detalhes desta imagem), texto, letras maiúsculas, cores em preto e branco – não podem ser analisados separadamente, como afirma Dionísio (2005), mas sim, como um conjunto que nos ajuda a ampliar nossa interpretação sobre esse primeiro meme analisado, encontrado na rede social *Facebook*.

4.2 Meme 2

O meme apresentado na Figura 2, igualmente, requer que o leitor conheça a reportagem *Bela, recatada e 'do lar'* e suas implicações. Depois, é importante que conheça a famosa *Disaster girl*, ou, em tradução livre, menina desastre (ou desastrada) da imagem.

FIGURA 2 - Meme 2



Fonte: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1889917447788953&set=a.171873076260074&type=3&theater>>. Acesso em: 30 out. 2018.

Ao analisarmos a imagem, logo vemos uma menina com um sorriso discreto e, talvez, debochado em direção à câmera, em frente a uma casa em chamas. A menina – que se chama Zoe – foi fotografada como brincadeira em 2004 pelo pai, Dave Roth, na Carolina do Norte, Estados Unidos. A foto expõe uma cena aparentemente acidental. As chamas são apenas parte de um treinamento do corpo de bombeiros local.

De acordo com informações da Internet, em 2007, o pai da garota enviou a fotografia para uma revista americana, que logo a publicou. Desde então, internautas de todo o mundo têm criado histórias e feito montagens da situação, de forma viral, transformando Zoe em um meme.

Esta fotografia da menina com sorriso aparentemente diabólico já serviu para satirizar, na Internet, diversos episódios e acidentes, como a explosão da bomba de Hiroshima e o naufrágio do Titanic. Assim, a garota ficou conhecida como *Disaster girl*.

As Figuras 3 e 4 mostram a menina associada a grandes catástrofes.

FIGURA 3 – *Disaster Girl* - Titanic



Fonte: Disponível em: <<http://www.museudememes.com.br/sermons/disaster-girl/>>.
Acesso em: 30 out. 2018.

FIGURA 4 – *Disaster Girl* – Hiroshima



Fonte: Disponível em: <<http://www.museudememes.com.br/sermons/disaster-girl/>>.
Acesso em: 30 out. 2018.

Voltando à Figura 2, temos um exemplo de meme que deu origem a outros memes, estabelecendo, uma vez mais, uma relação de intertextualidade, pois, a partir da imagem da *Disaster girl*, que se disseminou na Internet, surgiram derivativos.

Como a foto da menina viralizou na Internet, por ser ela uma criança que sorri diante do que julgamos ser um incêndio, a imagem sempre é postada para satirizar um fato ou uma situação, levando a crer ser a menina responsável pelo ocorrido.

Assim, no meme da Figura 2, a imagem da menina está vinculada ao enunciado – *Bela, recatada e 'do lar'* –, na parte superior, e ao enunciado – em formação – na parte inferior. Isso nos leva a supor que, embora o conjunto do texto explicita que o processo de chegar a ser bela, recatada e do lar esteja em formação, seguindo a disposição do elemento verbal do meme, a análise da imagem ligada ao texto pode levar a uma leitura diferente.

A menina, que, na imagem, carrega um isqueiro aceso na mão, aparenta ser, mesmo, uma garota capaz de provocar um desastre. Imagina-se que tenha posto fogo na casa, por causa da fisionomia estampada na foto.

Além disso, a menina está em formação - é uma criança ainda - e isso nos leva a imaginar que o que a foto sugere é o oposto do que se lê na reportagem sobre Marcela Temer. A primeira-dama, segundo Linhares (2016), é uma mulher meiga, recatada, que não faz travessura e que cuida do lar, diferentemente da *Disaster Girl*, que, hipoteticamente, destruiu uma residência.

Por tudo o que mencionamos, para a construção de sentido desse meme, é de extrema importância examinar todas as modalidades de comunicação que estão presentes nele. Reconhecemos que o texto é um recurso primordial para a construção de sentido neste meme, mas a imagem também nos diz muitas coisas e pode transmitir significados da mesma forma (DIONÍSIO, 2005). Principalmente, a análise do rosto da menina que recai sobre seu sorriso, seu olhar e, ao fundo, sobre a casa incendiada. Entretanto, também precisamos analisar outros fatores, como a disposição dos enunciados no meme – parte superior e inferior – o que pode orientar a leitura nesta ordem.

Ademais, reiteramos que este meme é criado a partir de um texto pré-existente: *Bela, recatada e 'do lar'*, o qual gera um novo discurso com o acréscimo do sintagma verbal *em formação*. Isso indica que a presença da intertextualidade exerce também a função de replicar um conteúdo acrescentando informações novas, criando conexões semânticas com o texto-fonte, facilitando ainda mais a disseminação do conteúdo original. Isto posto, assim como na Figura 1, o fenômeno de *détournement* está presente no exemplo da Figura 2 (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012). Trata-se de uma característica muito comum dos memes, afinal, quando alterado o texto original, desencadeiam processos de identificação e diferenciação coletiva a partir das replicações, releituras e paródias criadas por seus autores (TREVISAN; GOETHEL, 2015).

Reforçamos aqui que o leitor precisa associar o texto do meme – *Bela, recatada e 'do lar'* – ao texto-fonte. Quem não sabe que a primeira-dama é uma mulher delicada, meiga e 'do lar', não conseguirá ser coautor da ironia – menina rebelde e incendiária de lares nunca será bela, recatada e 'do lar'. Novamente, precisamos analisar os recursos multimodais empregados neste meme para construir seu sentido de forma bem-sucedida.

4.3 Meme 3

O último meme selecionado para análise é o da Figura 5. Ele parte da imagem do conhecido trabalho *Vênus de Urbino*, de Ticiano, pintado a óleo em 1535.

FIGURA 5 – Meme 3



Fonte: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1889939414453423&set=a.171873076260074&type=3&theater>>. Acesso em: 30 out. 2018.

A obra faz parte do movimento renascentista, em que o corpo de uma jovem desnuda representa o ideal de beleza e os gostos eróticos do Renascimento pleno, segundo Duarte (2017). Ticiano exhibe, em sua obra original, que se encontra na *Galleria degli Uffizi*, em Florença, o nu de uma jovem deitada em uma espécie de cama suntuosa. No corpo, usa apenas brincos nas orelhas, uma pulseira no braço direito e um anel no dedo mindinho da mão esquerda. Traz na mão direita um ramalhete de rosas vermelhas, que sempre foram consideradas um atributo a Vênus, de acordo com Duarte (2017). As rosas também simbolizam o prazer no amor. A seus pés está um cão, símbolo de fidelidade. Ao fundo, vemos duas mulheres, que poderiam ser as criadas (DUARTE, 2017). O cabelo cacheado e dourado enfeita-lhe o rosto, cujos olhos se voltam para o observador. O cabelo suaviza as feições, caindo abundantemente sobre os ombros e travesseiros.

No que tange à utilização de cores na obra, o vermelho está em evidência, realçando a simbologia do prazer e do amor. Cores de tons escuros contrapõem cores de tons claros na tela. Ao fundo do corpo da jovem, há uma parede negra; seus lençóis e travesseiros são brancos, contornando seu corpo. Para Davies (2010, p. 626): “O uso da cor por Ticiano registra as texturas sensuais do corpo da mulher, colocadas à disposição do olhar do observador.”

No que diz respeito ao meme que a tela origina, não visualizamos alteração, apenas o acréscimo do enunciado – Bela, recatada – na parte superior da imagem, e – e do lar – na parte inferior. Dessa forma, no que tange à intertextualidade neste meme, ela se fez presente assim como nos outros exemplares. A obra renascentista foi transformada e não perdeu o sentido real, ela recebe novas releituras e serve como sátira ao exposto sobre a esposa de Michel Temer

Uma característica que chama atenção na obra de Ticiano é o ideal de beleza marcado em sua obra. À vista disso, o termo *bela*, usado no meme, pode levar a crer que existem dois padrões de beleza possíveis, um em contraposição ao outro. Por um lado, a jovem da obra de Ticiano não tem cintura fina, pois esse detalhe não era aceito entre os artistas da época (DUARTE, 2017). A barriga, ligeiramente arredondada, permanece como o centro do corpo, símbolo da fertilidade e da reprodução.

Marcela Temer, por sua vez, magra, loira e bem vestida, competiu a concursos de beleza, como descrito na reportagem de Linhares (2016):

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu curriculum vitae um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo. [...] Em ambos, ficou em segundo lugar. [...] Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”, conta a estilista Martha Medeiros. (LINHARES, 2016, s. p.).

Ademais, o meme estabelece um contraste entre a reportagem sobre Marcela Temer e o que expõe a obra de Ticiano, com o termo *recatada*. Temos a antítese da obra renascentista, que destaca o nu, a sensualidade, a luxúria; para Marcela Temer, uma mulher discreta, reservada, que usa saias na altura dos joelhos e roupas de tons claros.

A expressão *do lar*, que se encontra na parte inferior do texto, assim como na Figura 1, dá ênfase a uma ocupação não atribuída à dama de Ticiano, na tela original, e que é contraposta ao que a primeira-dama faz em seu cotidiano. Segundo Linhares (2016), “Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola e cuidar da casa, em São Paulo.” (LINHARES, 2016, s. p.). Além disso, a primeira-dama não se expõe; jamais posaria nua, pois seu corpo pertence apenas ao esposo, e não exalaria luxúria, como revela a pintura.

Mais uma vez, o meme propicia uma análise multimodal para a apreensão do seu sentido. Os recursos utilizados são imagem – a representação da obra de Ticiano, e texto, idêntico ao título da reportagem da Veja (2016). É de extrema importância considerar todos os componentes da imagem, como a forma do corpo da mulher nua, as cores e sua representação. Com isso, conhecer a obra de Ticiano e seu contexto histórico renascentista é, também, essencial para perceber a ironia implícita no meme da figura 5.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Shifman (2014) sugere que os memes sejam analisados, não como fórmulas que se propagam sozinhas, mas como grupos que compartilham características comuns. Por isso, a autora afirma que devemos olhar para os memes como itens culturais, que possuem três dimensões que podem ser imitadas: conteúdo – específico do texto, às ideias e ideologias presentes nele; forma – às dimensões visuais do texto, à sua organização física; posição – como o produtor do texto se posiciona nele, os códigos linguísticos que utiliza e a ideia que tem dos interlocutores.

O uso de um texto igual ao da manchete de Linhares (2016) – *Bela, recatada e 'do lar'* – é uma característica de todos esses memes que fazem parte de um grupo de itens culturais que compartilham a mesma ideia: criticar a reportagem a respeito de Marcela Temer, utilizando sempre a mesma frase, em letra maiúscula na imagem escolhida, a mesma forma com imagem e texto e cada um com uma posição.

O caso *Bela, recatada e 'do lar'* se tornou um meme não apenas porque se tornou viral e foi compartilhado muitas vezes, mas também porque a ideia presente nesse grupo de itens culturais foi copiada e transferida para outros contextos. Assim é que uma frase ou uma imagem se torna um meme, porque foi repetida e apresentada em diferentes situações. Ou seja, um viral não é necessariamente um meme, mas um meme sempre será viral.

Embora as afirmações de Shifman (2014) pareçam inovadoras, a autora caracteriza meme de acordo com a definição de gêneros do discurso de Bakhtin (1929). Disso se constata que, apesar de os memes serem frases, imagens, vídeos, a imitação de algo, seja no conteúdo, na forma ou na posição é o que faz com que se reconheça um texto assim.

Após analisarmos os três memes que compõem nosso estudo, vimos que todos utilizaram imagens e texto para construir o sentido. A soma dessas duas modalidades foi essencial para o seu estudo. Além disso, podemos perceber que as cores empregadas, as fontes, os detalhes de cada imagem, seu contexto histórico e a organização textual adquiriram importância para uma leitura ainda mais aprofundada de sentido, podendo extrapolar e criar mais interpretações acerca de cada meme.

A união de diferentes recursos apontados torna o meme um gênero abundantemente multimodal. Todo esse conjunto de elementos presentes neste gênero, revelam as particularidades dos propósitos comunicativos de cada meme. O sentido encontrado em um texto que utiliza diversas modalidades e recursos semióticos, dependerá, também, do leitor, que fará a articulação e interpretação dos diversos itens que compõem o texto, que nunca poderão ser analisados separadamente.

O motivo do grande sucesso dos memes são as oportunidades de criação que o computador e a Internet propiciam. A união de multisssemioses foi facilitada com a possibilidade de unir diversas linguagens em um lugar só, brincando com cores, efeitos e fontes, inovando as práticas de comunicação social e oferecendo uma nova configuração linguística.

Os memes já são um fenômeno cultural, afinal, eles existem no mundo todo. As pessoas de cada país os criam de acordo com situações vivenciadas, expressões que fixaram ou necessidades de cada comunidade. No Brasil, a cada dia surgem memes novos, alguns se multiplicam rapidamente e tornam-se virais, outros duram apenas algumas semanas. O que podemos afirmar é que o meme é temporal, deixa de ser usado com a mesma velocidade em que surge e se espalha na Internet.

O meme *Bela, recatada e 'do lar'* foi muito utilizado em 2016, ano em que a reportagem da revista *Veja* foi publicada. Hoje, ele não está mais presente em nosso feed do *Facebook* ou *Instagram*, por exemplo. Mas isso não quer dizer que ele não seja um meme de sucesso. Um meme de sucesso é aquele que transcende o seu contexto de produção e passa a ser utilizado em diferentes situações, com diferentes recursos e com um propósito: dar voz ao povo que está atrás do computador ou celular.

Além disso, embora não tenha sido o principal foco deste estudo, podemos concluir que os memes exigem que o leitor compartilhe seu conhecimento prévio, afinal, a intertextualidade é um elemento-chave nesse gênero, já que, na maioria das vezes, ele dialoga e reproduz certos aspectos de outros textos, extrapolando ainda mais as questões comunicativas e exigindo um leitor mais atento ao que acontece ao seu redor e, conseqüentemente, mais crítico.

Assim, diante das transformações de gêneros até os dias atuais, notamos uma mudança na prática de leitura e no perfil do leitor atual. Surgem novas formas de letramento, com a necessidade de multiletramentos, que, efetivamente, é a capacidade de ler e interpretar as multissemioses presentes em um único texto.

Para mais, os fatores apontados nos levam a crer que um gênero multimodal, como explanamos nesta pesquisa, deve começar a ser trabalhado em sala de aula, visando à formação de alunos com estas capacidades de leitura desenvolvidas. Esperamos que esta proposta de estudo também ofereça subsídios para auxiliar os professores acerca do processo de construção de sentido de um gênero multimodal tão presente na atualidade e no cotidiano de usuários da Internet.

Referências

ALBUQUERQUE, Bárbara; MELO, Mônica Santos de Souza. *Bela, recatada e 'do lar': uma análise semiolinguística da matéria da revista Veja*. **Revista Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 343-365, jan./jun. 2017.

ARAÚJO, Júlio. A organização constelar do gênero chat. In: Jornada nacional de estudos linguísticos, XX, 2004, João Pessoa. **Anais**. p. 1279-1292.

BAKHTIN, M. 2003. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.

BAKHTIN, M. M. VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981 [1929].

CANI, J.B; COSCARELLI, C.V. Textos multimodais como objeto de ensino: reflexões em propostas didáticas. In: Dorotea Frank Kersch; Carla Viana Coscarelli; Josiane Brunetti Cani (Orgs.). **Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem**. Campinas-SP: Pontes, 2016.

DAVIES, Penelope J. **A nova história da arte de Janson**. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

DAWKINS, Richard. **The selfish gene**. Oxford University Press. 1976.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

DUARTE, Luis Henrique. Vênus de Urbino: renascimento e gênero. **Revista da Graduação da Escola de Belas Artes -UFRJ**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 148-153, nov/2017.

GRÉSILLON, A.; MAINGUENAU, D. Poliphonie, proverbe et détournement. **Langages**, n. 73, p. 112-125, 1984.

GRUPO DE NOVA LONDRES. A pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (Eds.) **Literacy Learning and the Design of Social Futures**. New York: Routledge, 2000 [1996].

GUERREIRO, A.; SOARES, N. Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos. **Texto Digital**. Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 185-208, dez/2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 1ª reimpressão 2009. São Paulo, SP: Aleph, 2009.

KOCH, I.; BENTES, A.; CAVALCANTE, M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Veja**, São Paulo, 18 abr. 2016. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, L.; XAVIER, A. **Hipertexto e gêneros digitais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MAYER, R. E. **Multimedia learning**. Cambridge, UK: Cambridge University Press. 2001.

OLIVEIRA, M.; AQUINO, A.; MALTA, D. Práticas de letramento e multimodalidade: uma análise sobre o uso do gênero “meme” na sala de aula. **Revista Gelne**, Natal, v. 19, n. 2, p. 62-77, dez/2017.

ROJO, R. H. R; MOURA, E. **Letramentos, mídias, linguagens**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Massachusetts: MIT Press, 2014.

TREVISAN, M.; GOETHEL, M. **Meme**: intertextualidades e apropriações na Internet. 15f. Projeto de Pesquisa – Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2015.

Para citar este artigo

SCHELL, L. V. de A. Memes e multimodalidade: uma análise do caso *bela*, recatada e ‘do lar’. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9, n. 4, 2020, p. 664-685.

A Autora

LUIZA VITÓRIA DE ABREU SCHELL possui graduação em Letras com habilitação em Português e Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos/RS. É mestranda do programa de pós-graduação em Linguística Aplicada da Unisinos, na linha de pesquisa: Linguagem e práticas escolares.